

MEDICINA NO TEMPO DO CÓLERA MEDICINE IN THE TIME OF CHOLERA

Mário Cândido de Oliveira Gomes*

INTRODUÇÃO

“Molière tinha o hábito de atacar os médicos de seu tempo, referindo-se a eles como charlatões”. E eram mesmo. A Medicina era só sangria e diarréicos. No Rio de Janeiro, onde proliferavam as febres palustres, durante muito tempo os doentes foram tratados com sanguessugas e purgativos. Que o diga o coitado do D. João VI. Mas a história da Medicina começa bem antes, quando os feiticeiros cuidavam da saúde com rezas, infusões à base de plantas e de animais e, principalmente, invocação divina.

Na Idade Média, a profissão era exercida pelos “barbeiros”, que faziam um pouco de tudo, como pequenas cirurgias (sangria, trepanação, sutura, etc.), poções, pomadas, rezas e mezinhas, além de cortar cabelo e fazer a barba. A partir do século 19 tem início o questionamento dos miasmas e contágios, com a descoberta dos germes por Pasteur, na França. Desde então, o edifício da medicina foi sendo construído lentamente, à custa de pequenos tijolos, de diminutas descobertas, de achados imprevisíveis, como as vacinas, os antibióticos, a insulina, os hormônios, os grupos sanguíneos, os neurotransmissores, mapeamento do DNA, quimioterapia, anestesia, transplantes, clonagem, etc.

Finalmente chegamos à medicina moderna, também rotulada de *high-technology*, pois se baseia principalmente na eficiente tecnologia de aparelhos sofisticados e técnica da computação. Todavia, no fim do século 19, no Rio de Janeiro, o grande clínico era o barão de Torres Homem (João Vicente de Torres Homem), que Almeida Prado considerava “o maior clínico brasileiro”. Com efeito, no seu célebre “Tratado das Febres”, o renomado mestre prescrevia para os doentes de paludismo, febre amarela ou febre hepatobiliar (um tipo de hepatite infecciosa) nada menos que 12 sanguessugas na borda do ânus, além de calomelano, sulfato de quinino e óleo de ricino. Contudo, o que realmente curava era a Mãe Natureza, isto é, o organismo e suas impressionantes defesas naturais.

Na Idade Média, os doentes morriam das pestes, como a bubônica (ratos), varíola, antraz, tifo, cólera, etc., enquanto no começo do século passado os indivíduos padeciam das doenças infecciosas e parasitárias, como a febre amarela, febre tifóide, cólera, varíola, difteria, tuberculose, etc., simplesmente por falta de medicamentos. O panorama mudou totalmente com o advento da penicilina, na década de 20, e as sulfas, na década de 40, quando o químico alemão Domagk sintetizou a sulfanilamida. A tuberculose, que hoje só dá entre os pobres da periferia das grandes cidades, favelas e cortiços, ou entre os aidéticos, no fim do século 19 era a doença da elite. Assim, grandes nomes das artes, ciência e cultura pereceram da “peste branca”, como Camus, Chopin, Sarah Bernhard, Paganini, Balzac, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Paulo Setubal, Manuel Bandeira, etc. Entre nós, os tuberculosos buscavam a cura pelos três ‘C’s: clima, cama e comida. Os nomes mais comentados na época foram: Oswaldo Cruz, Vital Brazil, Carlos Chagas, Rocha Lima e Emílio Ribas.

SOROCABA NO TEMPO DO CÓLERA

Antes da chegada de Baltazar Fernandes aos campos do Lageado, lá idos de 1654, os chamados bugres eram tratados pelos feiticeiros ou pajés, com os mesmos procedimentos invocados pelos curandeiros.

Nos séculos 16, 17 e 18, a nossa “Terra Rasgada”, também sofria das mesmas enfermidades que infectavam o resto do mundo, tais como a cólera, maleita, tifo, febre amarela, bexiga, úlcera brava, tuberculose, hanseníase, picada de cobra, etc.

Com efeito, em 1855, a Câmara tomou medidas de prevenção contra o cólera-morbus, citando os médicos Borgoff e Feliz Ibarra, que receitavam contra as bexigas: “banho quente com mostarda e cinza; chá de folha de laranja, macela ou hortelã, com uma colher de sopa de aguardente e elixir paregórico; banho de aguardente para os enjoos; vinho do Porto para as bichas; clister de polvilho para as diarreias e tintura de ópio para aliviar as dores”.

Os isolamentos eram fundamentais e sempre existiram. As calamidades públicas também eram frequentes, como a primeira febre amarela (1897), que foi combatida com a supervisão do dr. Álvaro Soares e provocou a morte de 42 pessoas. Na epidemia de varíola, o mesmo médico conseguiu deter a epidemia em Passa-Três (Brigadeiro Tobias), em 1890. Depois aconteceu o segundo surto de febre amarela (1899 - 1900), também debelado por Álvaro Soares e mais o doutor Artur Martins. Todavia, após novo recrudescimento da febre, foi solicitada a presença do grande sanitaria Emílio Ribas, do dr. Artur Fajardo e de Costa Passos, tendo morrido, na ocasião, o mons. João Soares do Amaral, que atendeu em tempo integral todas as vítimas.

A epidemia fez três mil doentes e seiscentas mortes. Em 1911 - 1912 surgiram o alastrim (forma benigna de varíola), enquanto a gripe espanhola apareceu em 1818, fazendo 300 vítimas. Porém, as cheias de janeiro de 1929 deixaram a cidade numa situação lastimável, sobressaindo, nessa tormenta, o esforço do prefeito João Machado de Araújo.

A instalação dos hospitais começou em 1803, com a fundação da Irmandade da Misericórdia, por Antônio José de Franca e Horta (cirurgião), que funcionou na Igreja de Santo Antônio (Largo do Mercado) até a instalação da Santa Casa de Misericórdia, em 1804, na Rua Álvaro Soares, esquina com a Sousa Pereira. Em 01/01/1900, o Hospital Santa Casa deixou a casa de taipa e transferiu-se para a Av. São Paulo, incorporando o Hospital dos Lázaros e dos Alienados, além de criar novos departamentos, como o dos Tuberculosos e o Asilo de Maternidade. Em 1911, o sr. Ricardo Moreira construiu a vila São Lázaro, no Cerrado, que se manteve até a instalação do Pirapitingui (1933). O Manicômio Dr. Luis Vergueiro foi fundado em 1918, na Av. General Carneiro, pelo delegado Bráulio de Mendonça, com a cooperação do dr. Luis Pereira de Campos Vergueiro.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 13, n. 1, p. 31 - 32, 2011

*Médico da V Turma da nossa Faculdade

Recebido em 5/11/2010. Aceito para publicação em 12/11/2010.

Contato: gomesmarioc@uol.com.br

Atualmente o manicômio continua funcionando no mesmo local, com o nome Jardim das Acácias (Apis). Mas o Hospital da Santa Casa de Misericórdia foi o marco decisivo no atendimento à medicina integral, sobressaindo, em 1846, o dr. Teodoro Landgaard e a enfermeira Rita, além dos médicos Álvaro Soares, Artur Martins e Ovídio Pires de Campos (1899).

Em 1923, o hospital voltou a ter um novo ciclo de progresso com a chegada do inesquecível dr. José Stillitano (primeiro aluno da primeira turma da USP), além dos colegas João de Almeida Tavares, J. J. Fernando Barros, Numa de Carvalho e Helvídio Rosa. Como disse um historiador: “A Santa Casa é rigorosamente uma história em construção, pois sua evolução nunca termina, apesar do imenso progresso alcançado por ocasião do bicentenário da Irmandade em 2003”.

Outro marco na história da medicina sorocabana foi a fundação da Faculdade de Medicina, em 08/12/1949, num terreno da Vila Boa Vista (atual Jardim Vergueiro). Tal Faculdade, a primeira do interior do Brasil, teve a participação fundamental de três personalidades: dr. Gualberto Moreira (prefeito municipal), pe. André Pieroni Sobrinho e dr. Linneu Mattos Silveira, cujas histórias se entrelaçam nos sonhos, desejos e realizações. Com o nome de Centro de Ciências Médicas e Biológicas de Sorocaba, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formou mais de quatro mil médicos. Atualmente, o complexo CCMB abriga três faculdades (medicina, biologia e enfermagem) e dispõe de três hospitais (Santa Lucinda, Leonor Mendes de Barros e Linneu M. Silveira ou H. Regional), prestando inestimável serviço à Cidade, à Região e à Pátria.

MEDICINA ATUAL

No momento, Sorocaba conta com uma imensa rede hospitalar (Evangélico, Samaritano, Modelo, Santa Lucinda, Regional, Leonor, Oftalmológico, Gepaci, Unimed, Santa Casa, além dos psiquiátricos - Mental, Jardim das Acácias, Vale das Hortências e Vera Cruz). Também dispõe de ampla gama de institutos especializados, como Incor, Medcor, Banco de olhos, etc., sem falar na imensa Rede Municipal de Saúde, patrocinada pelos governos federal, estadual e municipal através do SUS. Tal rede conta com policlínicas, pronto-atendimentos e dezenas de centros de saúde e de apoio, localizados em praticamente todos os bairros da cidade, a fim de atender uma população com mais de 600 mil habitantes.

A cidade apresenta, ainda, uma Sociedade Médica atuante, fundada em 04/05/1943, por médicos idealistas, como Celso e Clóvis Machado de Araújo, Cássio Rosa, Linneu M. Silveira, Francisco Ribeiro Arantes e tantos outros.

A medicina atual é altamente eficiente, sendo exercida por mais de 1.700 médicos, que utilizam tecnologia de última geração. Hoje podemos dizer, orgulhosamente, que a nossa querida “Terra Rasgada” é auto-suficiente, pois não depende de outros centros médicos do estado e do País, a fim de atender eficazmente todas as modalidades médicas. Daqui para frente o caminho mais adequado para a medicina trilhar é a Medicina Preventiva, a fim de garantir a saúde e o envelhecimento. Mas é bom refletir com Afrânio Peixoto: “Os doentes de hoje morrem como os de ontem, apenas melhor informados, uma vez que a morte é imbatível, é sempre triunfante”. Ou, como dizia o poema: “Medicina do passado: sombria meditação sobre a morte; medicina do presente: vigorosa meditação sobre a vida”.



SUMEP
SOCIEDADE UNIVERSITÁRIA MÉDICA DE ESTÍMULO À PESQUISA

Cursos, Congressos, conferências e pesquisas
25 Anos promovendo a cultura do estudante de medicina.
Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba.

Presidente: Bianca Cristina Cassão
Vice-presidente: Fabiana Garcia Faustino
Diretores de curso: Anderson Kuboniva e Rafael Birelo Martins
Secretária: Nathália Frare
Diretores-científico: Rafael Nakamura e Fernanda Fulanetti